

Acção Paralela
António Guerreiro

Nem direita nem esquerda, algo muito pior



Este jornal relatou há dias o resultado de uma consulta que fez ao ChatGPT. Perguntou-lhe se o Orçamento era de esquerda ou de direita, e a resposta, preenchida com uma ampla argumentação, foi a de que este orçamento em torno do qual tem girado o debate político-partidário é de esquerda. A justificação deste juízo, tal como ela é relatada pela jornalista Sónia Sapage, é de facto inteligente e artificial: inteligente porque consegue chegar a sínteses lógicas muito verosímeis, de uma enorme coerência em relação a certos princípios político-ideológicos que estão na base do raciocínio que autoriza a resposta; artificial porque parece orientar-se pelas coordenadas do mapa político de um continente que já não existe, ignorando importantes transformações epocais.

Mas a argumentação e a resposta do ChatGPT não são de modo nenhum inocuas e têm um efeito cruel: mimetizam com tanta competência e sofisticada eloquência o discurso político envolvente que nos leva a colocar a hipótese cômica de que a governação e o debate político com que estamos confrontados são engendrados por gente de inteligência artificial, mesmo antes de aparecer o ChatGPT. A política algorítmica não nasceu ontem. Este é um daqueles casos em que se dá o triunfo de uma reversibilidade perversa.

Há anos que se anda a discutir se a clivagem direita/esquerda, na qual se basearam algumas das mais importantes categorias da política moderna (mesmo que correspondam a uma laicização de categorias teológicas, como pretendia Carl Schmitt), é obsoleta ou ainda é útil e pertinente. E a resposta a esta magna questão tem sido flutuante, varia conforme a cor do dia. Mas o facto de a questão se ter tornado recorrente é um sinal de que a macrodivisão direita/esquerda continua a ser um território e um horizonte não ultrapassados. Afinal, as viragens históricas são menos marcadas e menos

comuns do que pretende uma historiografia espontânea e oracular de feição jornalística. Veja-se, por exemplo, como o 11 de Setembro e a pandemia não foram a cesura anunciada: o mundo “pós” que nesses dois momentos foi anunciado não chegou a ter início.

Se a resposta do ChatGPT à pergunta sobre a cor política do Orçamento tem o sentido de uma sismografia do presente, então devemos concluir que a dicotomia esquerda/direita continua a orientar-nos nos nossos cálculos e juízos políticos. Aconteceu, porém, que se deram transmigrações. Algum léxico da actual extrema-direita vem da esquerda. Veja-se, por exemplo, o que aconteceu à palavra “povo”, tão conspurcada actualmente pelos populismos que até já quase perdemos de vista a ideia do “povo soberano”, politicamente qualificado. A expressão “povo de esquerda” já só nos faz pensar no “povo” da direita. Sem povo, a esquerda vê-se subtraída à luta de classes e às lógicas da dominação. A amena expressão “justiça social” substituiu o tema da igualdade e há um imenso pudor e até autocensura na utilização da palavra “anticapitalismo”. Já é raro que alguém vá além do “antineoliberalismo”. A esquerda hoje já não luta para transformar nada, mas apenas para manter o que em tempos foi conquistado. A destruição das forças sociais portadoras de um outro futuro e a imposição ideológica da “*no alternative*” oficial tornaram-na conservadora e resignada. Veja-se o que se passa hoje em toda a Europa: a esquerda quase só representa aquela amálgama de gente que se junta pontualmente para formar uma coligação negativa e com um fim meramente tático. O Nouveau Front Populaire, em França, só tinha como objectivo fazer uma barreira contra o avanço da histeria racista e securitária, para no fim reivindicar essa grande vitória. Quanto ao resto, não chegou a existir.

Quanto aos casos de transmigração lexical, também os há no sentido contrário, da direita para a esquerda: é o que acontece com a “identidade”, completamente incompatível com o “devir” que a esquerda opunha ao regime histórico e aos valores fixos da direita.

Se houve uma transformação radical do mapa político, um dos seus sintomas mais visíveis não foi o desaparecimento da clivagem direita/esquerda, mas uma nova situação que permitiu o aparecimento deste estribilho: “Nem de direita nem de esquerda”. A anulação da dicotomia supunha uma ideia de paz consensual permitida pelo “fim da história” que levava a uma homogeneização democrática universal; o estribilho “Nem de esquerda nem de direita” significa outra coisa: a chegada a um outro território político, muito pior, onde a esquerda acabou e o que permanece não é de direita.

Livro de recitações

“Número de estudantes do superior que reportaram problemas de saúde mental duplicou”

In PÚBLICO, 20/09/2024

Este foi o resultado de um inquérito, coordenado por Susana da Cruz Martins, investigadora e professora no ISCTE. Têm-se sucedido nos últimos tempos notícias, às vezes alarmantes, sobre a saúde mental dos jovens e estudantes. A explicação destes resultados deve ter em conta que há hoje uma tendência generalizada para a

psicologização que cria as condições de possibilidade para a descoberta de patologias psíquicas. Se aumentam os instrumentos e o desejo de diagnóstico, aumenta também o número de doentes coercivamente diagnosticados. Este regime de psicologia total que descobre a proliferação da doença mental faz-nos pensar num célebre princípio formulado pelo psicólogo americano Abraham Maslow: “Quando só se dispõe de um martelo, tudo se assemelha a um prego”.